

Aumenta a precarização do trabalho formal no Brasil



Patricia Oliveira/Creative Commons

Redução salarial é uma das consequências do desemprego. Abrir mão de direitos para se recolocar no mercado colabora com precarização do trabalho. Em 2018, mais de 14 milhões de brasileiros estão desempregados. Reforma trabalhista ainda gera polêmica.

Página 5

CRM aponta má formação dos médicos

Em 2017 foram avaliados 2.677 médicos recém-formados em SP, sendo que 1.511 não alcançaram a nota mínima. Nesta avaliação, 80% dos médicos erraram a interpretação de um exame simples de radiografia.

Página 7

Os sabores da culinária e cultura africana em São Paulo

Página 12

Cuidados com asma devem ser redobrados no inverno

A estação traz condições favoráveis para a ocorrência das crises. Segundo dados da Pesquisa Nacional de Saúde, realizada pelo

IBGE, Sul e Sudeste são as regiões com maior índice de portadores da doença.

Página 7

Refugiados da Venezuela tentam refazer a vida

Governo busca identificar imigrantes venezuelanos que querem se estabelecer no País e espera garantir melhores condições de vida. Boa

parte tem alta escolaridade e chances de colocação no mercado de trabalho.

Página 3

Eleições 2018 terão novos formatos na captação de dinheiro; “vaquinhas virtuais” são autorizadas

Página 4

Instagram impacta a saúde mental dos jovens

A função Stories fez com que a rede social se tornasse popular entre os usuários. Por outro lado,

ganhou os holofotes no meio clínico, recebendo críticas de especialistas.

Página 9

E-sports oferecem milhões de dólares em prêmios

Página 12

Felipe Larozza



COMPREENDER O OUTRO

Prof^a. Lilian Crepaldi
Editora-chefe

A edição comemorativa de cinco anos de publicação do jornal-laboratório Fapcomunica é uma ode à alteridade. Celebra-se nas páginas seguintes a importância do outro, do diverso, do afeto, dos laços de solidariedade. Compreender o outro é essencial para a prática da cidadania.

Num momento em que instituições socialmente construídas perdem legitimidade, é preciso jogar luz em temas de inegável representatividade histórica e dar voz àqueles que, poucas vezes, são ouvidos pela mídia comercial.

Os alunos-repórteres do veículo recebem, a cada semestre, a arduosa missão de mostrar em suas reportagens a sociedade conflituosa em que (con)vivem. Aprendem que, na maioria das pautas, não há apenas dois lados, mas sim uma pluralidade de discursos. Cabe a eles apurar e checar a veracidade das informações, com o objetivo final de levar ao leitor a versão mais próxima possível da verdade.

Ao repórter contemporâneo não basta con-

tar histórias: é preciso também combater a desinformação e os factoides, sobretudo num ano de eleições, em que vozes repletas de ódio muitas vezes se sobrepõem a discursos racionais e bem fundamentados. Neste momento do Brasil, falar de Direitos Humanos é essencial para pleitearmos um mundo mais democrático e menos desigual.

Para promover a cultura da paz, da racionalidade e do entendimento mútuo, os repórteres precisam cutucar feridas sociais e entender seus protagonistas. Para tal, ouviram o drama dos venezuelanos no Norte do país, debateram a precarização do trabalho e discutiram o vício nas redes digitais, entre tantos outros temas fundamentais no espaço público.

Esperamos que, nos próximos anos, o Fapcomunica permaneça como um veículo fundamental não somente para o preparo técnico e profissional dos alunos, mas, sobretudo, para a formação humana e cidadã.

Boa leitura.

FAPCOMUNICA

ANO 5 - NÚMERO 10 - JUNHO DE 2018

EXPEDIENTE

FACULDADE PAULUS DE TECNOLOGIA E COMUNICAÇÃO
Rua Major Maragliano, 191 - Vila Mariana
CEP 04017-030 São Paulo (Brasil)
Tel. (11) 0800 709 8707 • (11) 2139-8500
www.fapcom.edu.br

Direção: Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito
Pró-direção Acadêmica: Pe. Jakson Alencar
Pró-direção Administrativa: Pe. Valdecir Pereira Uveda
Coord. curso de Jornalismo: Prof^a. Márcia Avanza

Conselho Editorial:
Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito
Pe. Jakson Alencar
Pe. Valdecir Pereira Uveda
Prof^a. Marcia Avanza
Prof. Vanderlei Postigo
Prof^a. Lilian Crepaldi
Prof. Claudenir Módolo Alves

Coord. de redação:
Prof^a. Lilian Crepaldi - Mtb 43.315
Projeto Gráfico e coord. de diagramação:
Prof. Maurício Gasparotto - Mtb 22.546
Revisão: Prof. Claudio Fatigatti
Equipe de redação: alunos do III Semestre do curso de Jornalismo (matutino e noturno)
Equipe de diagramação: alunos do V Semestre do curso de Jornalismo noturno

Impressão: Gráfica Paulus
Tiragem: 2.000 exemplares

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

NÃO É PORQUÊ VOCÊ NÃO VÊ...
QUE NÃO ACONTECE...

A cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no Brasil

Fonte: g1.globo.com

FAPCOM

Em busca de uma nova esperança

Venezuelanos entram no Brasil pela fronteira dos estados de Roraima e Amazonas

LOUIS EDOA
PAULO MZE

Millhares de venezuelanos entraram no Brasil desde o início de 2017 à procura de melhores condições de vida. A principal causa desse fluxo migratório crescente é a crise político-econômica que afeta o país desde a eleição do atual presidente Nicolás Maduro, em abril de 2013.

Segundo dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, mais de 1 milhão de venezuelanos deixaram o país entre 2014 e 2017, tomados pela fome e sede. Sem perspectivas, buscam países vizinhos para se estabelecer e tentar certa estabilidade. No Brasil, os imigrantes entram nas fronteiras dos estados de Roraima e Amazonas. Segundo a Prefeitura de Boa Vista, capital de Roraima, são quase 40 mil refugiados que se estabeleceram no município, o que representa hoje cerca de 10% da população da cidade. O grande fluxo migratório passa pelo município de Pacaraima, localizado no nordeste do estado, cidade fronteira, antes de chegar a Boa Vista.

A coordenadora do Programas da ONG Conectas Direitos Humanos e especialista em Relações Internacionais, Camila Asano, afirma, em entrevista ao jornal digital Nexu, que “as autoridades brasileiras não têm números confiáveis”. Segundo ela, os dados mais confiáveis são os publicados pela Polícia Federal e mostram que, até o final

de 2017, cerca de 30 mil venezuelanos pediram regularização no Brasil. “Destes, cerca de 22 mil solicitaram refúgio e 8.000 solicitaram a residência pela resolução 126 do CNIg (Resolução do Conselho Nacional de Imigração, de março de 2017, que facilita a residência temporária de estrangeiros no Brasil)”, completa.

O coordenador do curso de Relações Internacionais da Universidade Federal de Roraima, João Carlos Jarochinski Silva, diz que a entrada dos venezuelanos no Brasil não pode ser tratada como fluxo migratório, pois “a demanda não se compara a outros locais nos quais esse fluxo é ainda mais efetivo. O Brasil não é o primeiro país e o mais procurado. Os venezuelanos entram no Brasil devido à situação fronteiriça mas, em seguida, buscam outros países para se estabelecer”, continua. Porém, ele considera que esse movimento migratório mostra que o Brasil precisa avaliar a sua política pública de vizinhança com a Venezuela. “A imigração dos venezuelanos trouxe como impacto a necessidade de repensar as fronteiras. O Brasil dialoga com os vizinhos usando um discurso muito negativo”, completa.

Em entrevista, a freira Valdiva Carvalho, que atuou na integração dos haitianos em Manaus e trabalha com imigrantes venezuelanos em Boa Vista, fala da situação precária e crítica pela falta de ação por parte do governo. “O apoio recebido até o momento é da população. A



Uma cozinha comunitária improvisada no campo de refugiados venezuelanos

ajuda aos venezuelanos é praticamente da sociedade. Eles dormiam ao relento, são as populações que doaram barracas às famílias”, afirma. “O serviço de saúde é precário, há falta de remédio e as condições de vida são difíceis”, continua. A religiosa ainda apresentou uma inquietação “se o governo não agir, a situação pode sair do controle. Casos de xenofobia já começaram a aparecer e doenças como sarampo também já estão presentes nos locais onde estão abrigados os imigrantes”, completa.

O venezuelano Carlos Daniel Escalona Barroso, em entrevista publicada pela Agência Brasil, conta que chegou no Brasil desde junho de 2016 e entrou com pedido de refúgio junto ao Comitê Nacional para os Refugiados (Conare), onde recebeu um protocolo que pode ser usado como documento principal para tirar a Carteira de Trabalho, alugar imóvel e abrir conta. Porém, Barroso admite ter encontrado dificuldades em particular nos bancos. “Nos bancos públicos não deu certo. Eles falaram que isso (protocolo do Conare) não é documento”, diz. Ele contou ainda que seu pedido de refúgio não foi concedido ainda.

Um dos motivos pelos quais

Barroso deixou o seu país foi o sequestro que sofreu. “Eu trabalhava na administração pública. Chegaram oferecendo uma propina, eu não aceitei e aí começaram as consequências. Chegou um ponto em que fui sequestrado, minha família foi ameaçada e eu não podia ficar sempre na mesma casa”, explica. “Levaram-me, apanhei na cabeça, nas costas. Depois me soltaram, mandaram correr e dispararam tiros. Fiquei muito mal emocionalmente”, conclui. Foi então que resolveu deixar a Venezuela.

Governo federal

Para ajudar a lidar com esse fluxo migratório, o presidente Michel Temer, em visita a Boa Vista em fevereiro, anunciou que irá liberar recursos adicionais ao Estado, além de criar um comitê nacional para lidar com os venezuelanos.

O Governo Federal também iniciou no mês de abril a transferência para outros Estados dos imigrantes que desejam estabelecer-se no Brasil. Um dos objetivos da medida é desafogar a situação nas cidades de Roraima. Cerca de 550 imigrantes fazem parte do primeiro grupo que é dividido da seguinte maneira: 350

irão para a cidade de São Paulo, 100 para Cuiabá, 70 para Manaus e 30 para Campinas (SP).

A escolha foi feita com base na conversa entre o Governo Federal e as prefeituras que se disponibilizaram para acolhê-los. O primeiro grupo, formado por 100 homens solteiros, chegou a São Paulo dia 5 de abril e partiram para centros de acolhimento em Santo Amaro e São Mateus. Segundo a Casa Civil da Presidência da República, a capital paulista aceitou a ida de um contingente maior pela experiência desenvolvida com o acolhimento de haitianos.

Conselho nacional

O Conselho Nacional de Imigração (CNIg) ratificou novas regras para simplificar a concessão de residência temporária aos cidadãos de países de fronteiras que não fazem parte do acordo de residência do Mercosul, como é o caso da Venezuela. A nova lei estipula que o estrangeiro que entra no país por via terrestre pode permanecer no Brasil por até dois anos e, durante esse tempo, deve solicitar residência temporária e não ser deportado. Outra medida foi o cancelamento da taxa de imigração, que era de R\$ 470, valor muito alto para as famílias. Essas medidas procuram estabelecer políticas migratórias que garantam o respeito integral dos direitos humanos dos migrantes.



Quadra serve para abrigar imigrantes venezuelanos

52% dos jovens têm a primeira conversa com os pais sobre sexo

Os dados foram obtidos por uma pesquisa feita pela Universidade Federal do Estado de São Paulo (Unifesp) com entrevistados de 16 a 25 anos

FÁTIMA ROBUSTELLI
YASMIM PEREIRA

Com a publicação de “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, de Sigmund Freud, em 1905, foram iniciados os debates da Psicanálise sobre a sexualidade. A partir da obra surgiu a concepção de sexualidade como um processo evolutivo, não só ligado ao ato sexual, mas também à busca pelo prazer. Após mais de cem anos do surgimento dos estudos freudianos, o assunto envolve alguns tabus. Conforme resultados da pesquisa da Unifesp, 67% dos entrevistados que não tiveram no ambiente familiar um bate-papo sobre essa questão admitiram que gostariam de ter.

A psicóloga Cleusa Sakamoto acredita que a sociedade ainda não encontrou um modo de tratar do tema com naturalidade. “A sexualidade apresenta uma contradição, é reprimida e condenada até a fase adulta, depois a pessoa deve sentir prazer e ser feliz nessa área”, declara. A bibliotecária Tatiany Guedes,

38, afirma que em sua adolescência os pais não abordaram o assunto. Nesse período ela teve acesso a informações na convivência escolar por meio de livros e conversas com amigas.

A filha de Tatiany tem 5 anos e já questionou a mãe sobre a origem dos bebês. Ela respondeu à menina de uma forma lúdica. “Eu falei que os bebês nascem quando o papai e mamãe namoram. O papai coloca uma sementinha na mamãe e o neném cresce na barriga”, lembra. Segunda Cleusa, o uso de metáforas sobre o momento de concepção é válido. “Dizer que nasceu da cegonha é uma fantasia, e distorce a situação. Seja a idade que for, você tem que dar as informações compatíveis com as condições de conhecimento de quem pergunta”, ressalta.

No currículo formativo da Escola Técnica Estadual (Etec), de Pirituba, na zona noroeste da cidade de São Paulo, não há uma disciplina de educação sexual. Mas a escola promove ações extracurriculares como a Semana Interna de Prevenção de Acidentes (SIPAT), em que

há trabalhos de orientação por meio de palestras com profissionais que abordam desde métodos contraceptivos até as causas e consequências de uma gravidez não planejada.

A Lei n.º 60 de 2009 prevê a aplicação da educação sexual em meio escolar com a finalidade de auxiliar no desenvolvimento de um comportamento sexual seguro e consciente, além de promover o respeito às diferentes orientações sexuais e identidades de gênero e a igualdade entre sexos. O aluno Paulo Tozi, 18, estudante da Etec Pirituba, diz ter conhecimento sobre o uso de métodos contraceptivos, e o professor de Biologia explicou as questões da sexualidade em aula.

Tuy Potasso, 25, é consultora em saúde e educação sexual, e tem um canal no Youtube, com mais de meio milhão de inscritos, voltado a assuntos de sexualidade, relacionamentos e autoconfiança. Cerca de 50% do público tem entre 18 e 25 anos. “A gente fala termos técnicos, mas sempre traduzimos, tem que ser o mais simples possível. Ele



Banco de imagens

A orientação sexual contribui para uma sexualidade bem resolvida e livre de infecções.

quer informação rápida, tanto que diminuimos a duração dos nossos vídeos. Ele tem tempo, mas não tem paciência”, explica.

A orientação acerca da saúde sexual também contribui para evitar as infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) causadas de mais de 350 milhões de novas contaminações por ano no mundo, conforme dados da Organização Mundial da Saúde (OMS). “Faz parte da educação sexual conceber e construir um

conceito de sexualidade natural e adequada. A pessoa que tem essa orientação vai ter uma sexualidade tranquila e ficar à vontade para sentir prazer e não se condenar”, acrescenta a psicóloga Cleusa. A bibliotecária Tatiany considera que um diálogo aberto é vantajoso para pais e filhos. “Eu vou tentar passar para minha filha o máximo de informação que eu puder para que ela nem tenha dúvidas”, esclarece.

Eleições de 2018 terão novo formato

Autofinanciamento, fundo partidário e eleitoral serão as formas de captação de dinheiros para as campanhas

JÚLIA BORTOLETO

A resolução que trata da prestação de contas dos partidos e candidatos, número 23.553, de 2 de fevereiro, traz novos formatos de eleições presidenciais. O tema ganha destaque por ser a estreia da primeira eleição nacional; para deputados, senadores, governadores e presidentes em que os políticos não terão as doações de empresas, que foram vetadas pelo Supremo em 2015. Além disso, as campanhas terão

novos limites de gastos e metade do tempo que tiveram nas eleições de 2014, serão 45 dias, em vez de 90.

Autofinanciamento

Ao contrário das doações de pessoas físicas, que podem doar até 10% do rendimento bruto declarado no ano anterior à votação, o autofinanciamento tem regras diferentes. O texto da resolução permite o candidato a usar todo seu dinheiro na

própria campanha, desde que não ultrapasse o limite de gastos imposto pela lei eleitoral.

O valor que o ex-prefeito de São Paulo, João Dória (PSDB), doou para si mesmo nas eleições em 2016, onde a lei já tinha sido implantada, foi R\$ 4,4 milhões, dos R\$ 12 milhões declarados à sua campanha ao TSE. Mesmo tendo benefícios, Dória, em entrevista ao programa Canal Livre, afirmou ser contra ao autofinanciamento sem limites, “o certo é você ter um teto, porque senão os candidatos com mais posses têm mais vantagens que candidatos com menos posse, mas a regra está e foi mantida assim, recentemente”, diz o ex-prefeito, e candidato ao Governo do Estado de São Paulo, em 2018.

O Cientista Político Antonio Roberto Vigne, 56, afirma ser a favor do financiamento privado de pessoas físicas e jurídicas, para ele, isso impediria a corrupção, “Sou a favor do financiamento privado de pessoas físicas e jurídicas, apenas acredito que seria muito mais honesto que todos

que investissem em tais campanha pudessem deduzir tais investimentos nos impostos de renda. Me diga, quem faria caixa dois, seja pessoa física ou jurídica, podendo ter seu investimento sido abatido 100% pelo “leão”? O autofinanciamento é justo, é legal, é legítimo e é o mínimo que se pode esperar em uma democracia, pois se tu trabalhou, se o teu dinheiro é honesto, merece poder gastá-lo como bem lhe interessar.”, diz Vigne.

As estratégias dos partidos e candidatos e suas fontes de recursos serão determinantes, em um cenário com menos tempo disponível.

Já o Vereador de São Paulo Toninho Vespoli, do PSOL, 52 anos, acredita que o autofinanciamento é um recurso injusto e defende o financiamento público de campanhas, ele fala: “O PSOL acredita no financiamento público de campanha, que no formato atual não está plenamente implementado. O auto-

financiamento reforça o poder econômico de certa elite ou representantes desses que têm um poder maior de alocar recursos em suas campanhas”.

Formatos do tipo “vaquinha virtual” também foram autorizados.

Fundo partidário

A divisão dos recursos do fundo partidário e do fundo eleitoral é feita de acordo com vários critérios, o fundamental é o tamanho da bancada do partido na Câmara. Em 2018, PT, PSDB e MDB são os que mais vão receber verba, pois tiveram mais deputados eleitos, formando as três maiores bancadas.

Essas duas fontes de dinheiro público, juntas somam quase R\$ 2,7 bilhões. O valor previsto para o fundo eleitoral é R\$ 1,7 bilhão e para o fundo partidário R\$ 889 milhões.

O fundo partidário foi criado em 2017, como forma de substituir o veto a doações empresariais. Já o fundo eleitoral surgiu na década de 1960, que originalmente servia para bancar despesas para as manutenções de legendas, e com o tempo acabou sendo usado nas eleições.

DIAGRAMAÇÃO: MARIANA NOGUEIRA E RAISA CAVALCANTE



Banco de imagens

Candidatos terão menos tempo e dinheiro para a sua campanha

Precarização no mercado de trabalho

Informalidade, dupla jornada e redução salarial são alternativas para fugir do alto índice de desemprego no Brasil

Fotos: Matheus Salustiano

GABRIEL BERGAMASCHI
MATHEUS SALUSTIANO

A falta de emprego afeta mais de 12 milhões de brasileiros, segundo dados recentes do IBGE. A procura por uma chance de recolocação no mercado pode durar meses e, quando não conquistada, alternativas como a informalidade aparecem como opção. Outro fator presente na sociedade é a dupla jornada de trabalho como complemento de renda.

Eulália Fernandes, 52, trabalha sem registro como auxiliar de enfermagem em dois lugares. Moradora de Pirituba, Zona Norte de São Paulo, sua carga horária semanal é constituída por 9 plantões de 12 horas cada, totalizando 108 horas trabalhadas divididas entre os dois empregos. Ganha de R\$120 a R\$150 por plantão, sendo as sextas-feiras e sábados os dias mais cansativos, já que trabalha 37 horas seguidas - das 7 da manhã da sexta às 8 da noite no sábado, voltando à rotina às 7 da manhã no domingo para mais um plantão de 24 horas. “Já deixei de fazer muitas coisas. Na maioria das vezes, prefiro ficar em casa descansando a sair para algum lugar. Minha vida social é quase nenhuma. Estou sempre cansada, preciso ter prioridade para as coisas que tenho que fazer”, desabafa.

A saúde de Eulália a preocupa. “Sou muito prejudicada por trabalhar em dois empregos. Há um ano e meio tive uma distensão muscular na panturrilha da perna esquerda. Desde então, não tenho conseguido ir ao médico para fazer consultas e exames de rotina”, explica a auxiliar de enfermagem, que busca um emprego com carteira como técnica de enfermagem do trabalho. Além de reduzir sua carga horária, o registro em carteira poderá beneficiá-la com direitos previstos na Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), como o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), férias, vale-transporte, 13º e demais.

Trabalho informal

No final de outubro de 2017, o IBGE divulgou dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), na qual 22,9 milhões de brasileiros trabalhavam por conta



O tempo médio para se conseguir um emprego no Brasil é de 14 meses, segundo pesquisa

própria durante o trimestre terminado em setembro. Cerca de 10,9 milhões de pessoas estão empregadas no setor privado sem carteira de trabalho, um crescimento em relação ao trimestre anterior de 1,8% e 2,7%, respectivamente.

A economista Cristina Helena afirma que o trabalho informal é um problema para a economia brasileira. Segundo ela, há uma série de explicações para o fenômeno acontecer, como o excesso de regulamentação, carga fiscal excessiva e fatores culturais.

Ao contrário de Cristina, o músico Marcelo Mello, 40, conta que “quando o assunto é emprego, sempre tratam o trabalho informal como se fosse algo chulo, indecente e imoral. Deveria ser tratado com incentivo”. “No começo a gente sofre, mas depois você percebe que carteira assinada não significa nada”, argumenta.

Redução salarial

Geração de mais emprego e garantia de direitos foi a abordagem mais apresentada para a aprovação da Reforma Trabalhista, que entrou em vigor no dia 11 de novembro de 2017. Contudo, dados do Caged (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados) e Ministério do Trabalho registraram 6.696

demissões por acordo entre patrão e empregado. Neste acordo, o trabalhador perde o direito ao seguro-desemprego e ganha só metade do aviso prévio e da multa do FGTS. Em dezembro do ano passado, o saldo de emprego formal ficou menor 328.539 vagas, acumulando perda de 28 mil.

Ganhar menos que o emprego anterior para voltar ao mercado de trabalho é a realidade de 61% dos desempregados, segundo o SPC Brasil e CNDL. É o caso de Waldomiro Horácio, 41, que se recolocou em 45 dias com salário menor.

Formado em Tecnologia da

Informação pela USP, foi demitido após uma reestruturação interna na antiga empresa, mas logo foi contratado por uma startup. “Tive que fazer uma redução na ordem de 30%. As empresas em crise estão pagando abaixo do mercado”, conta. No curto período de desemprego, Waldomiro concorreu a cinco vagas. Quatro delas ofereciam menor remuneração do que o trabalho anterior. “Eu tinha em mente que se um dia fosse para o mercado teria que fazer uma redução salarial”, declara.

A respeito dos impactos da Reforma Trabalhista, a coordenadora de Recursos Humanos

Kelly Lima, 37, destaca algumas vantagens. “Muitos colaboradores que antes prestavam freelancer, através de um contrato informal, passaram a ter a formalização do processo através de documentos registrados em empresa, facilitando bastante a contratação dessa mão de obra por um período determinado”, comenta. Sobre o contrato de trabalho temporário, Kelly afirma que houve mudanças importantes. “Antes era previsto apenas os 90 dias, agora você pode prorrogar por mais 90 dias”, argumenta.

Para a advogada trabalhista Cintia Lima, a Reforma não teve êxito em solucionar o problema de desemprego no Brasil. Segundo ela, “a questão do desemprego deve ser ajudada por meio de incentivos para a empresa, incentivos como menor onerosidade de impostos conforme o quadro de funcionários, entre outros. Mas não vejo muitas perspectivas de aumento de faturamento nas empresas”.

Sobre o trabalho informal, Cintia não o considera prejudicial. “Particularmente, não acredito que a informalidade gera um problema para a economia. De uma forma prática, aqueles que vendem um produto ou serviço fazem o dinheiro circular nas classes mais prejudicadas. O Governo muito falou que a reforma trabalhista acabaria com o desemprego, entretanto, não acabou”, ressalta.



Trabalhadores informais não têm garantias da CLT

DIAGRAMAÇÃO: IGOR SIQUEIRA

A nova febre da economia: Bitcoin

Altas instantâneas e redução de burocracia criam euforia entre investidores e preocupam bancos e Estado

HENRIQUE MARSALA
JULIA ONORATO

Todo mundo já ouviu a palavra bitcoin pelo menos uma vez na vida. Em telejornais ou conversas informais, o termo já deu o que falar e desperta vários debates no setor político-econômico.

Inventado em 2009 por um programador sem identidade comprovada (ele utiliza o pseudônimo Satoshi Nakamoto), o bitcoin é uma moeda assim como o real, o dólar e o euro, porém, com suas particularidades. Diferentemente das citadas, o bitcoin é uma moeda inteiramente virtual e descentralizada, ou seja, não controlada por um Banco Central ou órgão estatal. É apenas uma das muitas criptomoedas existentes. Mas, ao contrário de outras, que existiam apenas no universo virtual (como o Linden Dollar, do Second Life), pode ser usada para comprar bens reais, como a assinatura de serviços de backup em nuvem ou eletrônicos por meio da internet.

Sobre o preço do bitcoin, o educador financeiro Victor Lavagnini Barboza, 25, diz que “como qualquer outro ativo financeiro, o preço é determinado basicamente pela relação de oferta e demanda. A partir do momento que o bitcoin tornou-se conhecido, o preço de venda subiu quase que numa relação de ‘quem pagar mais, leva’”. Hoje, 1 bitcoin equivale a R\$ 25.172.

Em São Paulo, existem estabelecimentos que utilizam o bitcoin como forma de pagamento. É o caso do Wayne Tattoo, estúdio de tatuagem localizado na Zona Leste da capital. O proprietário Sandro Wayne conta que a ideia veio de seu irmão Gustavo, em 2013. Porém, ele ressalta que foi junto ao seu irmão Bruno que ocorreu a implementação de banners e sugestões sobre o bitcoin. O estúdio realizou 25 transações utilizando criptomoedas, com valores entre R\$400 a R\$600. Em bitcoins, esses valores variam entre BTC 0,01 a BTC 0,02.

Todas as transações feitas com bitcoins ficam registradas num espaço da internet conhecido como “blockchain”, uma espécie de banco de dados que usa criptografia para registrar o uso da moeda, garantindo, assim, a segurança nas transações.

Alguns especialistas dizem que o bitcoin é uma bolha especulativa, ou seja, uma valorização sem justificativa fundamental, sem que o produto por trás dele tenha melhorado ou sem que a

economia como um todo tenha mudado. Outros afirmam que o crescimento é resultado da transição virtual-mercado financeiro tradicional, como, por exemplo, a entrada da criptomoeda no Mercado Futuro de Washington.

Uma bolha especulativa pode ser entendida como preços subindo sem que o produto por trás dele tenha melhorado. Dessa forma, o especialista em mercado financeiro Vinicius Poit contraria a ideia de uma possível especulação. “O bitcoin tem um valor sim, que representa justamente o potencial de economia que pode trazer para o sistema de pagamentos que adotamos hoje. como o Bitcoin tem uma oferta limitada de, no máximo 21 milhões de Bitcoins, a tendência é que cada bitcoin passe a valer cada vez mais”.

Para bancos e órgãos estatais, o bitcoin serve como uma afronta ao poder, pois além de significar a perda de monopólio sobre o meio de pagamento da população, é também uma boa alternativa para frear a prática.



Além do estúdio de tatuagem, existem serviços de pet shop, hotéis, imobiliárias e artistas que aceitam bitcoin como forma de pagamento

Veganismo, estilo de vida que gera renda

GABRIELA RODRIGUES

Ao fazer compras é perceptível o aumento de produtos veganos (sem procedência animal em seus componentes) nas prateleiras. Isso se deve à preocupação com o meio ambiente e com a exploração animal, além do cuidado com a própria saúde, já que a maioria dos itens presentes no mercado usam ingredientes ou fazem testes em animais.

O comércio vegano auxilia na ampliação de produção autônoma, é comum encontrar quem produz de forma artesanal, como é o caso da bióloga, Ursula Fernandes, 44, que após trabalhar um período dentro da área da saúde e do meio ambiente, decidiu fabricar cosméticos veganos, com ingredientes naturais para a base dos sabonetes, shampoos e cremes. Ursula começou a pensar numa forma em que o descarte dos produtos agredissem o mínimo possível o meio ambiente, e por meio de pesquisas, desenvolveu cosméticos à base de vegetais, plantas e óleos essenciais, que ao entrarem em contato com a água do banho, por exemplo, causam a mínima degradação possível.

Assim como Ursula, Camila Gregório, 23, aproveitou a onda de produtos naturais sem exploração animal para fundar a “Navego”, onde ela produz

em sua casa alimentos para encomenda, como hambúrgueres, bolos, leites vegetais e itens de festa. “Eu queria trabalhar com alguma coisa em que eu me identificasse”, diz a empreendedora e vegana, Camila. Ela conta que era muito difícil conseguir comprar comidas sem ingredientes vindos de animais no bairro onde mora na Zona Norte de São Paulo, e que precisava se deslocar até o sul da cidade para ter acesso a esse tipo de alimentação em restaurantes e lanchonetes. A partir daí ela ampliou seu projeto, que a princípio era só para encomendas, a fazer deliveries também. Com a ajuda do marido, criou novos sabores sem procedência animal. Hoje, após 2 anos do “Navego”, Camila vive com 100% da renda

da vendida desses alimentos.

A nutricionista Mariane Marques, 28, após frequentar a “Verdurada” (evento de shows de bandas hardcore punk, e palestras sobre assuntos políticos), começou a se interessar pela vida vegana e entrou para o ramo nutricional. Ela atende diariamente pessoas em transição para se tornarem vegetarianas e veganas. A especialista também ajuda seus pacientes a quebrar os mitos de que só é possível conseguir proteínas em alimentos de origem animal, pois boa parte desses nutrientes vem de aminoácidos contidos em diversos alimentos.

Para o consumidor também ficou mais fácil. Ariel Alves, 18, é vegana há 4 anos e diz que percebeu o aumento de

opções veganas nas prateleiras, mas que vê a grande diferença de preços. Os produtos sem procedência animal possuem valor mais elevado do que os comuns.

O veganismo vai além da alimentação. Ele ajuda na renda de muitas famílias, que também conquistam autonomias para criar seus próprios meios de produção e se expandem conforme o mercado ganha espaço, tendo possibilidades de inovar e transformar os meios em que vivem.



Uma vida saudável e sem exploração animal

Cuidados com asma devem aumentar

Locais fechados, baixa umidade do ar e pontos de mofo são fatores agravantes

MARINA COSTA

A preocupação com a saúde respiratória aumenta com o início do inverno. A estação, que começa no dia 21 de junho, coincide com a comemoração do Dia Nacional de Controle da Asma, doença inflamatória crônica que já faz parte da vida de 6,4 milhões de brasileiros acima de 18 anos, número que corresponde a 4,4% desta população. É o que diz a Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), estudo realizado em 2013 pelo Ministério da Saúde e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A escolha da data não é por acaso: com o inverno, devido a fatores como a baixa umidade do ar, aumenta a necessidade de redobrar a atenção com os cuidados com os asmáticos, que ficam mais expostos às crises nesta época.

As regiões Sul e Sudeste, respectivamente, têm maior prevalência da doença. No Brasil, o estado com o maior índice é o Rio Grande do Sul, com 6,7% dos habitantes com mais de 18 anos. O clima frio contribui para a maior incidência de infecções virais. “A asma é do ano todo, mas, no inverno, há mais condições para os fatores desencadeantes. Existe a exposição aos alérgenos, como os cheiros fortes, que são as principais causas da doença, mas também existe uma inflamação em que qualquer mudança no ambiente faz diferença. Para nós, a variação de temperatura é bastante importante, bem como a secura do ar”, explica Ana Luísa Godoy, pneumologista e chefe do Departamento de Medicina da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

Para Gisele Souza, 32, a estação exige mais vigilância em torno dos sintomas do filho. Dona de casa, ela vive em Ibiá

(MG) e é mãe de Carlos Daniel, 18, que tem paralisia cerebral e, há um ano, recebeu o diagnóstico da asma. “No inverno, é pior. Numa hora, está aquele sol quente, aí, de repente, o tempo vira e começa a ventar e chover. Então, ele começa a espirrar e o nariz dele começa a escorrer”, relata. Gisele conta ainda que o filho sofre de rinite, fator que facilita as inflamações na garganta, e também a tosse e o chiado no peito – primeiros sinais de que a crise de asma se aproxima.

Lilian Caetano, doutora em Pneumologia pela Unifesp, orienta: “A asma não tem cura, mas tem controle. São praticamente as mesmas medidas em todas as épocas do ano: sempre tentar, pelo menos uma vez por mês, deixar o colchão tomar sol; verificar pontos de mofo nos armários; evitar que animais de estimação, principalmente o gato, que é mais alergênico, fiquem dentro de casa e do quarto, pois é o cômodo em que mais se passa o tempo; e preferir edredons a cobertores”.

Mulheres são as mais acometidas. Patrícia Celestino, 25, sente os efeitos das variações climáticas bruscas. A pedagoga tem asma severa e alega que, durante o clima seco, tenta sempre manter a hidratação das mucosas com o uso de spray nasal para evitar as crises. “Quando fica muito tempo sem chover, eu sofro com esta mudança, ainda mais à noite. Às vezes, eu preciso fazer inalação para respirar melhor e conseguir dormir”, comenta.

Tratamento

Ao longo de sua vida, Patrícia experimentou diversas técnicas. Estas experiências, consideradas “válidas” por ela, a tornaram cética em relação às soluções mi-

lagrosas. Atualmente, a professora segue o método tradicional, com medicamentos e fisioterapia pulmonar, e faz check-ups semestrais. Ela relembra uma das tentativas feitas na infância: “Falaram para a minha avó que Biotônico Fontoura, ovo de pata e extrato de pêssego batidos no liquidificador curavam a asma. Ela me deu umas três garrafas disso”. A pneumologista Ana Luísa Godoy alerta: “O principal risco do não tratamento é a perda da função pulmonar. Por isso, a rotina do asmático é se tratar continuamente”.

Carlos Daniel tem um dia a dia cheio de cuidados. Mesmo assim, a mãe do jovem, Gisele, teme que ele não receba assistência adequada caso tenha uma crise fora de casa. Ela conta que, por este motivo, a vida se tornou mais restrita. “Antes, íamos à APAE todos os dias, mas agora só vamos uma vez por semana para fazer a fisioterapia. Tem muita coisa que ele não faz mais, como ir à escola, brincar com outras crianças, ficar eufórico. Tudo porque ele pode se cansar. Ainda me sinto insegura, mas, com fé em Deus, tudo voltará ao normal”, desabafa.

A pneumologista Ana ressalta que, apesar de algumas limitações, como a contraindicação da prática do mergulho, quem tem a doença pode conseguir ter uma vida normal, desde que faça o tratamento correto. “Para conviver bem com a asma, precisa ir além da medicação. Dentre as coisas que podem ser feitas, uma delas é melhorar a performance física. Se alguém tem um broncoespasmo e é treinado, terá menor sensação de cansaço, pois sua musculatura trabalha sem precisar de tanto oxigênio. O próprio exercício com liberação de endorfina diminui a inflamação nos pulmões. Então, é terapêutico mesmo”, diz.

Foto: Marina Costa

INVERNO SEM CRISE

A estação agrava os fatores irritantes da asma, doença inflamatória crônica que faz parte da rotina de 6,4 milhões de brasileiros. Algumas dicas são importantes para evitar problemas:

- LIMPEZA DA CASA**
Coloque seu colchão para tomar sol uma vez ao mês. Atente-se aos pontos de mofo e evite contato com a poeira eliminando o excesso de cortinas e carpetes. Para limpeza da casa, escolha produtos neutros, com aroma suave.
- ROUPAS E COBERTAS**
Antes de usar roupas e lençóis que ficaram por muito tempo no guarda-roupa, deixe-os no sol, passe ferro ou lave. Prefira edredons a cobertores.
- ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO**
Evite deixá-los dentro de casa, principalmente no quarto. Redobre a atenção com os gatos, pois são mais alergênicos.
- PREVENÇÃO E CONTROLE**
Asma não tem cura. Por isso, faça acompanhamento contínuo com o pneumologista, siga o tratamento indicado e tome a vacina antigripal (contra influenza) anualmente.
- AUTOCONHECIMENTO**
Ana Luísa Godoy ensina o “ABC” para se manter calmo diante de uma crise de asma:
 - Aprenda tudo que você deve evitar;
 - Use as bombinhas corretamente;
 - Corra para o pronto socorro; saiba até quando você consegue se tratar com o planejamento médico, e quando você deve buscar auxílio médico;
 - Conheça os efeitos colaterais dos medicamentos.
- MANTENHA A CALMA**
Ansiedade é um agravante para e durante uma crise de asma. Saber se autoavaliar, com base nas orientações médicas, é fundamental para saber como agir em meio diante dos sintomas.
- ATIVIDADE FÍSICA**
Dê preferência aos exercícios regulares e ritmados. Escolha algo que você goste, e pratique no mínimo 3 vezes por semana, por mais de 40 minutos.

Fontes: Ana Luísa Godoy e Lilian Caetano, pneumologistas da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP); Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Ministério da Saúde

ANA BEATRIZ FEITOSA
TIAGO MARTINS

Em 2017, o Conselho Regional de Medicina de São Paulo (CREMESP) aplicou um exame para avaliar a formação de novos profissionais. Foram 2.677 avaliados, sendo que 1.511 foram reprovados, porque não alcançaram a nota 6 (numa escala de 0 a 10). Segundo o CREMESP, as escolas privadas tiveram maior percentual de reprovação que as públicas.

Já no Rio atualmente estão em atividade, mais de 30 mil médicos recém-formados. Nesta avaliação, 80% dos médicos erraram a interpretação de um exame simples de radiografia; 75% não souberam identificar as principais características e como agir em caso de pacien-

Estudo aponta falta de preparo de médicos brasileiros

tes com deficiência respiratória; 71% não acertaram o diagnóstico nem o tratamento para hipoglicemia de recém-nascido; 70% não souberam dizer como agir como conduzir um caso de paciente com crise de pressão arterial alta, doença que atinge 25% da população brasileira.

De acordo com o clínico geral Leandro Mizael, um dos motivos para esses resultados é a falta de qualidade na formação. Ele afirma que a proliferação das faculdades tem colocado profissionais desqualificados no mercado. “Eu sou a favor de um

exame nacional no qual seja avaliada a capacidade de quem está na área”, declara.

Mizael cita os problemas mais comuns como os erros e negligências médicas, remédios inadequados, erros ou atrasos diagnósticos e até óbitos evitáveis. Há um número crescente de violência contra os profissionais da saúde em SP: sete em cada 10 já sofreram agressão.

Os estudantes de medicina enfrentam escassez de objetos para estudos de anatomia dentro das faculdades. Dentre eles, peças (cadáveres) e bonecos sintéticos

que simulam o corpo humano que chegam a custar de R\$ 300 mil a R\$700 mil. Em entrevista, uma médica recém-formada, que prefere ser mantida em sigilo, alega passar por dificuldades nas aulas de anatomia, por sua faculdade não ter a estrutura necessária para os estudos. Ela relata que todas as peças já estão com mais de dez anos de uso, sendo manipuladas por várias pessoas e perdendo, assim, a qualidade. “Não dá para estudar uma veia renal em um rim com dez anos de utilização”, relata.

O paciente Antônio Matias

Ferreira, 67, menciona ter tido o atendimento negligenciado ao passar por dois hospitais públicos em SP, onde ambos o diagnosticaram com enxaqueca. Ao chegar no terceiro hospital, foi descoberto dois coágulos e um princípio de AVC.

É preciso estabelecer novas estratégias e planejamentos dos conselhos regionais de Medicina, de forma integrada e sistemática. O modo como o Ministério da Educação e Cultura (MEC) tem estabelecido critérios e regras para certificação, validação e autorização de cursos na área da saúde. A qualidade da formação médica deve ser proporcional à quantidade de profissionais e não o contrário.

DIAGRAMAÇÃO: KELLY LORRANA

Cresce lares homoafetivos no Brasil

Conheça a história dos casais homossexuais que aumentaram a família por meio da adoção ou da agregação

SARAH ALMEIDA

Atualmente, mais de 40 mil crianças e adolescentes vivem em abrigos pelo Brasil e o Estado com maior número de acolhidas é São Paulo, com aproximadamente 18% do total. Neste mesmo contexto, há uma lista de espera para adoção seis vezes maior.

Casais homoafetivos costumam fugir do padrão, quando o tema é adoção. Ao invés da preferência por bebês do sexo feminino e cor branca, muitos não se importam em optar por uma adoção tardia. As novas estruturas familiares ganharam visibilidade nos últimos anos. Há diversos tipos de famílias: monoparental (mãe ou pai solteiro); homoafetiva entre casais do mesmo sexo e a homoparentalidade (família homoafetiva com a adoção de filhos).

Uma dessas é a de Edson Modena, 49, e Marcio Verçosa, 42, ambos servidores públicos e casados há 23 anos, os dois decidiram que queriam filhos em 2008, mas, sem estrutura financeira para receber novos membros na família, deram início a um planejamento para que tudo desse certo. “Se um casal hétero pode adotar enquanto paga aluguel, um casal gay não pode, é exigido mais de nós, mais estrutura, mais responsabilidade, nós tivemos a sorte de conseguir essa casa, queríamos duas crianças” disse Edson.

Nessa época, o casamento entre pessoas do mesmo sexo não era legalizado, e os dois tinham apenas a união civil. De início eles se preocuparam com seus empregos, horários e salários, fizeram economias e tiveram sucesso na compra de uma casa e de um carro maior.

Eles deram entrada no fórum João Mendes em fevereiro

de 2016. O processo durou 1 ano até que os dois pudessem estar junto de suas filhas. Em janeiro de 2017, os dois conseguiram a guarda provisória das irmãs Mariana e Paula (nomes fictícios) de 6 e 8 anos, respectivamente. Hoje, os quatro vivem juntos no bairro do Cambuci, SP, onde as meninas frequentam uma escola particular.

Em comparação a outros casos o processo de adoção foi rápido, isto é resultado dos critérios que são apresentados aos futuros pais durante as entrevistas feitas pela equipe técnica da Vara da Infância. Durante a entrevista técnica, o pretendente descreve o perfil da criança desejada.

É possível escolher o sexo, a faixa etária, o estado de saúde, os irmãos etc. Quando a criança tem irmãos, a lei prevê que o grupo não seja separado. Com o nome automaticamente na fila de adoção, os futuros pais aguardam até aparecer uma criança com o perfil compatível com o perfil fixado pelo pretendente durante a entrevista técnica, observada a cronologia da habilitação.

Um dos principais critérios que os pretendentes exigem é em relação à faixa etária. De acordo com o Senado Federal, 34,72% das pessoas preferem crianças de no máximo 2 anos. Edson e Márcio concordaram, porém, em fazer uma adoção tardia, ou seja, adotar crianças com mais de 3 anos de idade, além do fato de que 68% das crianças têm irmãos e os juízes se esforçam para mantê-los unidos.

Pretendentes dispostos a adotar irmãos geralmente esperam menos tempo. Assim Mariana e Paula foram adotadas juntas com 5 e 7 anos, respectivamente.



Joyce coadotou os dois filhos do primeiro casamento da parceira Kelly

Intolerância

Casos recentes de preconceito e intolerância marcaram um movimento de inclusão familiar, quando um projeto de lei 6583/13 chamado Estatuto da Família que tramita na Câmara dos Deputados, e estabelecia “família” como união entre homem e mulher, ou seja, vínculo apenas entre casais heteros, veio a conhecimento público, causando reboliço entre a sociedade.

Em 2010, um procurador do Ministério Público do Paraná foi contra a decisão de conceder a adoção de uma criança a um casal homoafetivo em Curitiba. Anteriormente, os dois já haviam passado por situações constrangedoras, quando um juiz colocou restrições às crianças que poderiam ser adotadas pelo casal. É possível que essa seja a razão para tantos casais recorrerem a barrigas solidárias, ou, aqueles que podem, à inseminação artificial.

O segundo caso é o de Kelly de Souza, 39, e Joyce Silva, 32, que namoram há 4 meses. Kelly foi casada por 10 anos com um homem com quem teve dois filhos. A família delas é um exemplo de coadoção, quando um

dos integrantes adota filhos biológicos ou adotivos do cônjuge. Hoje, Kelly pretende se casar com Joyce em 2019.

Joyce que é a mais jovem da relação com 32 anos, diz que sempre sonhou em ser mãe e que hoje “o sonho duplicou”. O casal pretende ter filhos em alguns anos e diz que não decidiram se vão adotar ou realizar a inseminação artificial. Para Kelly, a experiência com dois filhos pré-adolescentes, neste contexto, a preparou.

Ela acredita que o divórcio tenha sido mais complicado para seus filhos do que o confronto com a sexualidade da mãe. “Foi difícil para minha filha, as notas dela caíram muito quando a gente se divorciou. Já quando eu perguntei se eles iam continuar me amando mesmo eu namorando uma mulher, eles disseram que sim, que queriam ficar comigo.”

Em ambos os relatos os pais comentam que a preocupação é maior em relação aos filhos do que a sociedade em geral. Edson diz que, se as meninas aprenderem em casa, vão estar prontas quando precisarem lidar com isso na rua, enquanto Kelly ressalta que teve como maior apoio sua mãe e que nunca es-

teve preocupada com a opinião alheia. Para ela, ter o amor dos filhos independe de sua orientação sexual e é o principal.

Enquanto isso, o meio cultural tem se esforçado para demonstrar exemplos de diversas estruturas familiares, embora o meio social ainda apresente recusa a aquilo que sempre existiu, mas é visto como novo.

Produções como Baby Love (2008), Minhas Mães e Meu Pai (2010) e o documentário brasileiro: Família no Papel (2011), dirigido pelas jornalistas Fernanda Friedrich e Bruna Wagner, tratam a temática familiar formada por casais homoafetivos, sendo direcionada não somente ao público LGBT, mas também abordando o público em geral sobre o que se torna invisível no meio “tradicional”.

Apesar das investidas culturais, o tema continua sendo discutido raramente entre a sociedade, sendo motivado apenas por casos que ganham a atenção da mídia, como o projeto de lei que evidenciou a homofobia sofrida por casais de homossexuais que querem formar famílias.



O casamento homossexual no cartório deu mais direitos aos filhos

Storiemanía: uma questão de saúde

Instagram foi considerada a pior rede social para a sanidade dos jovens

AUGUSTO CONCONE
THAÍS UEHARA

A ferramenta “Stories”, do aplicativo Instagram, está em vigor desde o dia 2 de agosto de 2016. Inicialmente julgada como uma cópia do aplicativo Snapchat, acabou se popularizando e hoje a rede social já é considerada a pior de todas no que refere a seu impacto sobre a saúde mental dos jovens, de acordo com o estudo da Sociedade Real para Saúde Pública (RSPH, em inglês), no Reino Unido.

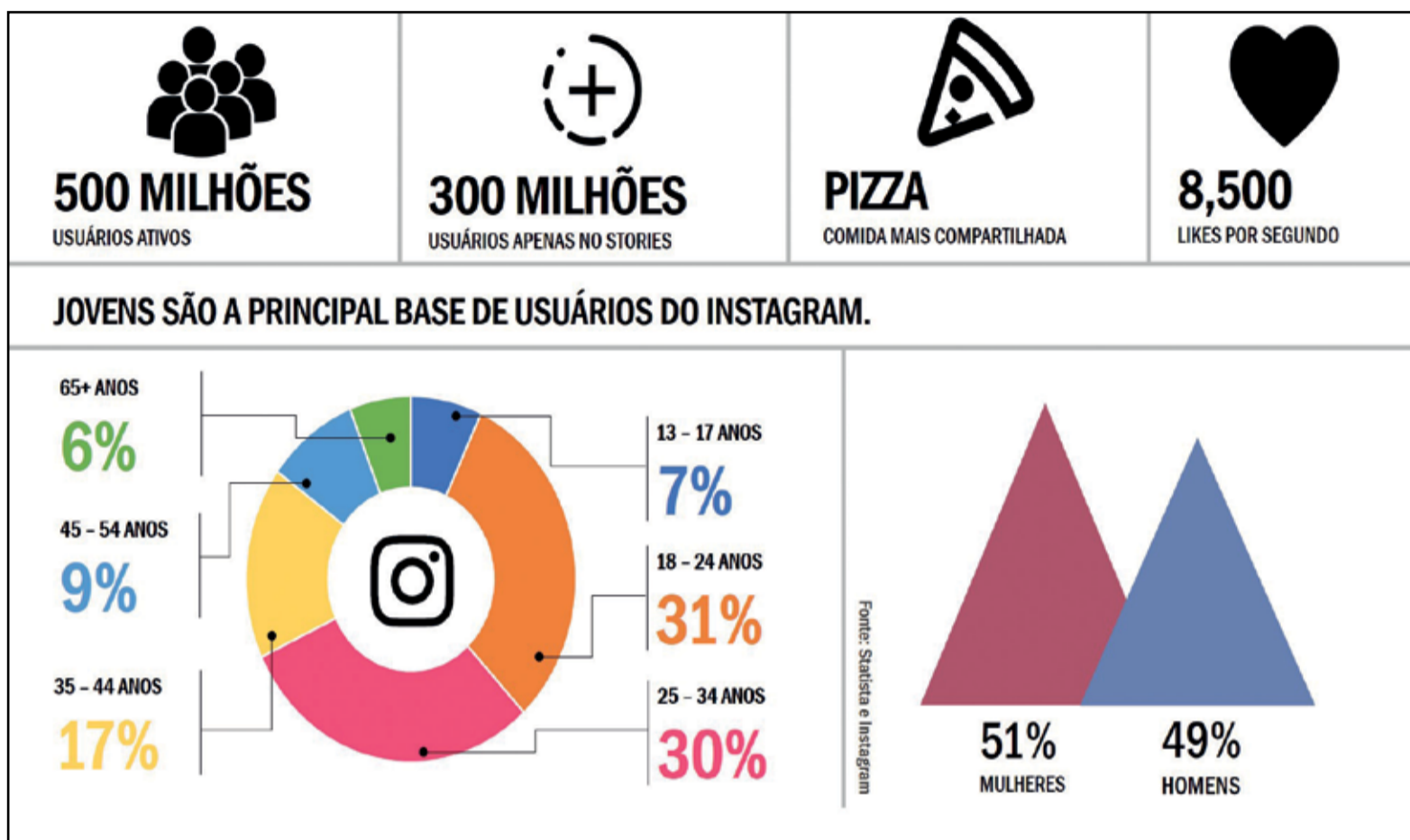
Um fenômeno que impacta na vida de grande parcela dos jovens evidencia uma carência social. O especialista em redes sociais Renato Melo comenta: “as redes sociais vieram não só para conexões, mas para auto-exposição e, principalmente, aceitação através de curtidas, comentários etc”.

Com 800 milhões de usuários ativos, o Instagram exerce grande influência no cotidiano dos usuários. Segundo o aplicativo, os usuários compartilham uma média de 95 milhões de fotos e vídeos por dia. Essa informação foi divulgada quando seu número de usuários ativos era de 500 milhões.

O aplicativo toma um lugar importante no cotidiano de muitos usuários, sendo a principal ferramenta para postagens de fotos de amigos, familiares e outras pessoas. O estudante de jornalismo Marcelo Nogueira afirma: “É onde mais postamos sobre nossa vida pessoal, onde nós mais queremos parecer estar bem, e onde mais a gente mais consegue comparar as nossas vidas com as de outras pessoas”.

Uso compulsivo

É tarde da noite. Mirella Machado, 21, cansada após



seu longo dia como estudante de ciências da cultura, finalmente se deita para descansar. Mas antes de pegar no sono, uma rápida espiada no Stories. A curiosidade aliada à possibilidade de perder algo interessante não a deixam dormir. “São pouco mais de 200 perfis que sigo”, diz. Mirella assiste todos e só depois vai dormir.

A ferramenta Stories ajudou a aumentar a quantidade de tempo que as pessoas passam na rede, de acordo com o Instagram. Mas esse novo recurso também afeta na saúde mental dos jovens. A psicóloga Juliana Faustino alerta: “Instagram é um aplicativo que não deixa espaço para a imperfeição, os usuários querem ser bem vistos e aceitos pelos outros”.

Hoje a dificuldade de separar online e offline é cada vez

mais complexa. O especialista em Saúde Coletiva, Nei Ricardo, afirma: “Vive-se uma fantasia, como se fosse real, até que algo da realidade se imponha e desmante a fantasia”.

Essa é a rotina de muitos jovens que utilizam o aplicativo de forma compulsiva. A superexposição ao mundo alheio pode causar um impacto negativo na vida das pessoas. Milena Pizani, 19, é estudante em um cursinho preparatório para Medicina. Milena não compartilha sua vida com frequência, mas diariamente acompanha diversas influenciadoras digitais. Segundo ela, comparar a vida e o corpo dessas celebridades digitais à sua traz uma sensação de mal estar.

O fluxo das redes sociais, e principalmente no Stories, gera uma pressão pessoal, já que as histórias não aparecem mais após 24 horas. A síndrome que mais evidencia uma problemática real nas redes sociais é conhecida como FOMO (sigla para Fear of Missing Out), ou medo de perder algo, em português. Ela é um dos principais sintomas de que alguém está viciado em redes sociais e pode causar angústia, mau humor e depressão. O medo é identificado principalmente em jovens e adultos de até 34 anos, mas pode afetar pessoas de qualquer idade.

Com esses novos estudos psiquiátricos sobre a relação entre redes sociais e a saúde mental, é claro que há uma deficiência na educação digital. A psicóloga Lucimara Braga afirma: “A

dependência nas postagens não é positiva para saúde mental, e isso pode desencadear um transtorno de ansiedade, é necessário saber utilizar de modo que não prejudique a vida”.

A pesquisa realizada pela Sociedade Real para Saúde Pública corrobora o argumento de Milena. Com o intuito de mensurar o impacto na saúde mental de jovens, o órgão entrevistou 1.479 pessoas entre 14 e 24 anos e avaliou as redes sociais em critérios como bullying, imagem corporal, ansiedade, depressão e solidão. Instagram e Snapchat foram elencadas como as piores. Shirley Cramer, executiva-chefe da RSPH, em entrevista ao site da BBC News destaca a presença dos dois aplicativos mais efêmeros: “É interessante ver Instagram e Snapchat nas piores posições para saúde mental e bem-estar - ambas as plataformas são bastante focadas em imagem e parecem causar sentimentos de inadequação e ansiedade nos jovens”.

Stories

A função Stories não é desconhecida do público: foi introduzida pelo Snapchat há seis anos como Snaps. Após uma série de tentativas frustradas por parte de Mark Zuckerberg, fundador do Facebook, em adquirir o app, o empresário decidiu copiar a ferramenta levando

para o WhatsApp - como nome Status -, Instagram, Messenger e Facebook - como Stories.

Monyse Garcia, 23, começou usando o recurso pelo Snapchat e hoje nem usa mais a rede. Monyse, além de instagrammer profissional, também é youtuber. Com pouco mais de 130 mil inscritos no canal, soma

“O YouTube é uma evolução da TV, mas o Stories é uma evolução do YouTube”

no Instagram quase 40 mil seguidores. Diariamente posta mais de 15 stories mostrando a rotina da faculdade, família, amigos e até pós-cirurgia. Tanta exposição assim faz com que as pessoas que acompanham seu cotidiano se sintam

livres para opinar e palpitar. A youtuber diz não ficar incomodada, tanto que é comum quando está no shopping, minutos após a publicação do Stories, ser abordada por fãs pedindo para tirar selfies. Ela afirma que “todos sabem o que você está fazendo, inclusive os professores”.

No Instagram, o recurso foi estreado em agosto de 2016 e, desde então, pode ser considerado um dos maiores acertos. Em outubro daquele mesmo ano, havia cerca de 100 milhões de usuários ativos diariamente, apenas usando o InstaStories. Um ano depois, o número beira os 300 milhões, um aumento de 200% e faturamento de US\$ 50 bilhões, segundo a Forbes.



Augusto Conconi e Thaís Uehara

O foco na pequena tela torna-se um distrator para todos os acontecimentos ao redor.

Ciência é desvalorizada no país

Pesquisadores desenvolvem embriões artificiais em plataforma 3D. “Pode ajudar a descobrir mais sobre os primeiros processos da formação humana”

IVES FERRO

Em 2017, cientistas da Universidade de Cambridge, no Reino Unido, criaram embriões artificiais de camundongos a partir da combinação de dois tipos de células-tronco em uma plataforma 3D, gerando estruturas similares aos embriões naturais, equivalendo a aproximadamente um terço da gravidez de um camundongo.

As células foram cultivadas fora do corpo, em uma gota de gel, e transformaram-se em embriões primários, que reproduzem corretamente as estruturas internas que aparecem durante o desenvolvimento normal no útero. As células se acomodaram em duas seções, que continuaram a formar a placenta (troblastos) e o embrião.

Segundo Estela Bevilacqua, professora de Embriologia da Universidade de São Paulo (USP), este modelo de uso de células-tronco de camundongos, associado a modificações genéticas, poderá ser uma ferramenta útil. “Uma vez que compreendamos os erros que levam a determinadas malformações, por exemplo, será muito mais fácil procurar uma forma terapêutica de impedi-lo ou minimizá-lo”, ressalta.



Células de camundongo foram criadas fora do corpo e transformadas em embriões primitivos, equivalentes a um terço da gravidez

Bevilacqua diz que oposições a intervenções na reprodução humana ocorrem desde as primeiras fertilizações in vitro até a clonagem de embriões. “O importante é que o assunto seja adequadamente discutido e divulgado de forma correta, sempre fiel aos objetivos do estudo. A informação correta pode minimizar os conflitos”, destaca.

A estudante de biologia Ias-

min Victória acha positivo os avanços na tecnologia para futuras pesquisas. “O desenvolvimento de embriões artificiais pode ajudar cientistas a descobrir mais sobre os primeiros processos da formação humana, como fatores nocivos ao desenvolvimento normal de embriões, mutações genéticas”, declara. Entretanto, Iasmin diz que “no Brasil, as expectativas não são

tão altas, já que a pesquisa científica não é valorizada”.

O objetivo é estudar todas as fases pelas quais o embrião passa no útero da mãe para entender os princípios fundamentais da gravidez, já que pelo ultrassom não é possível observar detalhes. Os embriões artificiais podem ser usados também para fontes de pesquisa, eliminando o uso de materiais doados por

clínicas de fertilização in vitro. A medida de cultivar camundongos fora do útero ainda está fora dos planos dos pesquisadores.

“As pesquisas com diferenciação de linhagens de células-tronco só conseguem simular parcialmente a sequência de expressão gênica”, afirma a bióloga Irene Yan, docente da USP.

Apesar de o embrião artificial ser muito parecido com o real, seu desenvolvimento para um feto saudável seria improvável. Isso exigiria um saco vitelino, que fornece os nutrientes necessários, e a formação de vasos sanguíneos. “Seria um mega-quebra-cabeças de difícil montagem e sujeito a muitos mais erros”, declara Estela.

“Vejo que pesquisas na área biológica irão progredir e focar na parte de doenças, curas, tratamentos e prevenções de patologias que hoje são incuráveis”, comenta a estudante Bruna Serafim. “A biologia não é uma ferramenta capitalista, mas um meio de os seres humanos compreenderem a vida que os cerca”, conclui.

Os cientistas pretendem avançar nas pesquisas, desta vez, com o uso de células-tronco humanas – algo que a equipe confia em conseguir nos próximos anos.

Realidade virtual é atraente para outras áreas além do entretenimento

JESSICA SILVA

É muito difícil datar a invenção da realidade virtual (VR, do inglês virtual reality). Em 1957, o americano Morton Heilig criou o protótipo Sensorama, junto com cinco curtas, sendo uma das primeiras máquinas com tecnologia multissensorial imersiva. Como o aparelho não teve financiamento, não chegou a ser produzido em escala industrial. Em 2015, a realidade virtual consolidava-se, conquistando não apenas o mercado de games, mas também áreas como medicina, marketing e educação.

A estudante de design digital Taynara Moura, 20, teve contato com o VR na faculdade, inicialmente para aprender a manusear e entender como a tecnologia funciona por meio de jogos. Ela conta que outras turmas já utilizaram o VR para trabalhos acadêmicos sobre a violência contra mulher, por exemplo. “A partir do momento que o professor conecta, você já se sente dentro do jogo, você sente a textura do ambiente. É o máximo”, expõe.

“A realidade virtual te coloca totalmente imerso, ainda mais se você tiver algum recurso virtual com áudio”, informa Marcelo Falco, 34, mestre em design digital. A experiência imersiva pode variar de óculos para óculos, como é o caso do HTC VIVE, que conta com câmeras para reconhecer o ambiente e sensores de captura de movimento.

Tratamentos psicológicos com VR já acontecem

O HTC VIVE não é o único VR, embora seja considerado o mais completo junto com o Oculus Rift, da empresa Oculus VR, comprada por Mark Zuckerberg, do Facebook. O Google também investiu na realidade virtual com os óculos feitos de papelão, o Google Cardboard, sendo uma opção de baixo custo, e o Google Daydream, com melhor resolução e controles. Playstation VR e Samsung Gear VR são outras apostas do mercado. O preço varia conforme

acessórios, resolução e material, e fica entre R\$ 20 e R\$ 7 mil.

Possibilidades

Na área de marketing, a gerente de planejamento digital Viviane Leone, 27, trabalha desde 2015 com o VR, desenvolvendo aplicativos e filmes em 360° para empresas que procuram oferecer experiência imersiva. “É uma opção criativa para as marcas que querem usar essa tecnologia para cativar clientes”, declara. Os óculos são exclusivos, feitos de plástico injetado e personalizados para cada empresa.

O campo da saúde também investe no VR com treinamento de médicos, cirurgias e tratamento de casos psiquiátricos. “A experiência foi muito real e intensa. Fez eu me sentir segura para tentar a extração na vida real”, relata Thayná, 26, estudante de direito, que possuía fobia de sangue, agulhas e hospitais. O VR foi utilizado como parte do tratamento psicológico para ambientá-la na sala de espera, a exposições de agulhas,



HTC VIVE, Oculus Rift, Google Daydream, Playstation VR e Samsung Gear VR são os mais populares do mercado.

seringas e extração de sangue, até que se sentisse segura para a retirada pessoalmente.

Segundo o gerente de pesquisas da IDC (International Data Corporation), o mercado fechou 2017 com a estimativa de pelo menos 100 mil óculos VR comercializados, e ainda prevê para 2018 cerca de 171

milhões de usuários. “Com a realidade virtual as possibilidades vão muito além de jogos. As marcas que perceberem isso vão sair ganhando”, comenta Viviane. De acordo com a pesquisa do Superdata, esse mercado, até 2020, valerá US\$ 14,5 bilhões.

Os sabores da África em São Paulo

“Nossa cultura, beleza e riqueza são mal explicadas”, diz chef de cozinha

MICHELLY LELIS
PAMELA ASSUNÇÃO

Brasil recebe cerca de 700 mil imigrantes por ano. Eles contribuem e desenvolvem a cultura do país. Os africanos enriquecem nossos costumes e, apesar do início da relação ter sido marcada por sofrimento, exploração, violência e lutas, a cultura é um dos elementos mais marcantes.

Prudência Kalambay Libonza, 37, nasceu na República Democrática do Congo e mora no Brasil há dez anos. O país tem suas comidas típicas bem diferentes do que é consumido em território brasileiro, como fumbua com bacalhau, composta de pasta de amendoim torrado com azeite de dendê, camarão moído e a folha seca da fumbua e o fufu, similar a polenta. Trata-se de uma massa macia, cozida e pouco temperada à base de milho, mandioca ou arroz. “No início não foi fácil, uma diferença total”, diz.

A democrata-congolesa disse ainda que a culinária brasileira não foi um grande impacto para ela. “Acostumei-me rápido e também assistia a TV brasileira em Angola e já sonhava com a culinária”, diz Prudência.

Já Larissa Edy, 24, mora no Brasil há treze anos. O motivo de sua vinda foi porque seu pai já morava no país e estava há cinco anos sem vê-lo. Ela diz que não

sentiu um grande impacto cultural ou culinário, pois os brasileiros utilizam os mesmos temperos que na Costa do Marfim, seu país de origem. Porém, a forma de cozinhar é diferente.

A costa-marfinense relata que há poucos restaurantes especializados em culinária africana, mas que se pode encontrar com mais facilidade no centro de São Paulo, especificamente na Galeria do Reggae.

Já a proprietária do restaurante BIYOU’Z, Melanito Biyouha, 47, mora no Brasil há catorze anos e mantém seu estabelecimento há dez no centro de São Paulo. Está localizado na Alameda Barão de Limeira. “Aqui em São Paulo tem comida japonesa, chinesa... Por que não africana também?”, conta, sorridente. Ela relata que a forma do brasileiro cozinhar é bastante diferente. “Onde o brasileiro coloca meia cebola, estamos a colocar duas”, conta.

Melanito afirma que está de portas abertas a todos que quiserem conhecer o cardápio. “A nossa importância é falar da nossa cultura, beleza, riqueza que é muito mal explicada”, comenta.

A chefe de cozinha do Gema Restaurante, Aline Araújo, 34, possui a microempresa Chermoula desde 2006, faz participações e organiza feiras culturais africanas apresentando os pratos do continente. Aline busca apresentar as comidas no estilo alta gastronomia. Sua ideia



Acima: Fruity lamb tagine, prato com cordeiro, frango e demasco seco

À direita: o restaurante BIYOU’Z

é desconstruir o paradigma de que a culinária africana é rústica e não atraente. “Como chefe de cozinha determinei que é minha responsabilidade espalhar o conhecimento sobre esta comida que ainda hoje é vista com muito preconceito”, conta.

O projeto Chermoula tem objetivo de atuar em várias frentes de negócios, apresen-



tando ingredientes e a cultura gastronômica africana e as adaptações feitas pelos brasileiros. “Depois de participar mui-

to de eventos culturais da comunidade negra e percebi que a comida pouco remetia a nossa identidade”, lembra.

As fanfics agitam teens na internet

LUISA PEREIRA

Enquanto outros jovens passavam, se divertiam ou estudavam, Babi sentava em frente ao computador para se entregar aos seus personagens favoritos. Dando vida aos já consagrados, mas sob outra perspectiva, ela alimentava os usuários de novas histórias e criava uma rede de leitores que a acompanham até hoje.

Fã da banda McFly, a carioca Babi Dewet, 30, dedicou-se à escrita sobre amizade, amor, dramas adolescentes e, principalmente, música. Usou, inclusive, algumas letras da banda no decorrer da fanfic para embalar o romance do casal protagonista.

O enredo contado por ela em 2005 virou uma trilogia. “Comecei a ler e vi que as pessoas imprimiam a fanfic para poder ler fora do computador. E eu achei isso incrível, porque era uma história

enorme. Parei, então, para pensar que seria muito legal ter essa história como livro, que as pessoas deveriam gostar”, conta a autora.

Ainda assim, a trilogia Sábado à Noite passou por ajustes na linguagem para transformar-se em livro. A autora também fez mudanças nas letras que apareciam em seu texto devido à Lei de Direitos Autorais, número 9.610. O primeiro livro foi lançado de forma independente e, depois, a editora Generale reeditou e publicou a trilogia completa.

A história de Babi é mais uma entre tantas da internet, como a da estudante de jornalismo Eduarda Lima, 19, que escreve há sete e já tem um público fiel. Para ela, a relação de proximidade com os leitores ajuda a criar um texto melhor. “Gosto que tenha um diálogo para que eles possam falar tanto o que gostam quanto o que preferem mudar”, explica.



Sucesso na plataforma online, Babi publicou a história e lotou sessões de autógrafos

Plataformas como a que elas utilizaram para divulgar suas histórias continuam a publicar novas tramas diariamente. A Spirit Fanfiction, por exemplo, possui uma audiência de 76,5 milhões de acessos por mês, com uma permanência média de quase 12 minutos.

Há diversos caminhos para quem quer lançar um livro. O autor Danilo Castro, 28, optou por escrever um rascunho e depois mandar para editora. Por isso,

alguns desafios quanto às divulgações são diferentes. “O início da carreira de um escritor é um período de muito investimento e pouco retorno. Às vezes é difícil decidir se vale a pena continuar na luta ou desistir”, relata o autor. “A internet e meios como o Wattpad facilitam a carreira dos iniciantes”, continua.

Para os leitores é uma inspiração ter os autores por perto e em constante contato. Eles geral-

mente são assíduos em leitura e procuram histórias com elementos diferentes das tradicionais. A estudante Laura Abreu, 16, começou a ler fanfics aos 11 com as amigas que gostavam da mesma banda e ela valoriza os escritores que dão atenção ao público.

“É interessante que ela seja um meio de pessoas conseguirem chegar a isso. Sair da internet e publicar um livro. É importante para quem quer fazer isso ter essa relação com as pessoas que leem as histórias dele antes de publicar”, ressalta Laura.

Entretanto, esta não é a situação geral no país. Apesar da alta de 6% no percentual de leitores no Brasil, em 2016 o resultado não é tão positivo, já que os dados da quarta edição da Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil consideram pessoas que leram um livro inteiro ou em partes nos últimos três meses. Ela também aponta que, em média, o brasileiro lê 4,96 livros por ano, sendo esses, 0,94 indicados pela escola e 2,88 lidos por vontade própria.

E-sports tornam-se sonho de jovens

Plataformas mais competitivas e premiações milionárias incentivam formação de equipes

JOÃO PEDRO BARBOSA

A década de 1970 foi importante para os videogames, pois começaram a surgir os primeiros protótipos de consoles caseiros, como é o exemplo do Magnavox Odyssey e do Atari. Quase 50 anos depois, a maneira de jogar é muito diferente. O que antes era uma forma de lazer, hoje é encarado de maneira profissional, atraindo investidores. Os chamados e-sports já são realidade no Brasil. O League of Legends – conhecido como LoL – é um dos principais jogos no ramo. O jogo online é competitivo e mistura cenário de RPG com diversos personagens, cada um com papel específico. Com uma equipe de cada lado, o vencedor é aquele que destrói primeiro a “Nexus” inimiga (uma espécie de quartel general). Carlos Eduardo Yamauchi, 19, estudante de Biologia, é fã de LoL. Ele joga há mais de 4 anos e já tentou ser profissional, mas, por conta de conflitos com a comunidade do jogo, desistiu. Segundo ele, para ser um profissional é necessário ter talento e dedicação. “Perdi a vontade por conta da comunidade brasileira do jogo. Ela é bem chata e tóxica, sem falar que, na época, meu computador não era tão bom assim. Hoje em dia, eu jogo apenas por lazer”, relata.



Broches e medalha que Walter Zanotti conseguiu quando era membro da RED Canids.

Apesar de a comunidade do jogo ter esse ar hostil, problemas psicológicos, como a ansiedade, não são recorrentes no âmbito profissional. De acordo com Cláudio Godói, psicólogo que trabalha com a equipe profissional INTZ, os jogadores sofrem mais com conflitos na convivência. “Morar junto com outras pessoas que têm hábitos, trabalham juntos o tempo todo, dividem quartos, banheiros, cozinha, acabam gerando problemas de convivência. A atuação do psicólogo não necessaria-

mente nesse meio é para resolver problemas, mas sim para potencializar qualidades, sempre visando uma boa harmonia de trabalho”, declara o psicólogo.

Profissionalização

Walter Zanotti, ex-membro da equipe RED Canids, hoje é CEO de uma equipe de LoL. Responsável pela fundação da 5Fox – time que, até então, era uma franquia de outra equipe (CNB) no Circuito Desafiante – ele diz que a transição do

amador para o profissional não é simples. “Ainda existe muito amadorismo. Aqui na 5Fox a gente já veio com uma ideia totalmente profissional. Os jogadores são registrados na CLT, contrato via Lei Pelé. Então aqui eles estão tendo um contato muito mais próximo com o profissional. Ainda não chegamos no total profissional, que é você ter um Game Office, centro de treinamento, separar a vida do jogador da vida pessoal, mas a gente está buscando chegar nesse nível ainda”, afirma.

E como um jogo como esse conseguiu tanta popularidade e movimentar tanto dinheiro? A resposta: campeonatos e patrocinadores. É por meio dessa combinação que o League of Legends consegue organizar diversos torneios altamente competitivos, e que são realizados em todos os países cujo jogo está disponível.

No Brasil, o principal torneio é o Campeonato Brasileiro de League of Legends (CBLoL). Em 2018, ele sofreu algumas alterações e, portanto, a partir desse ano, é disputado da seguinte maneira: na primeira fase, os confrontos são disputados em uma MD3 (melhor de três jogos), não mais em MD2. O formato de 8 equipes se enfrentando em séries de pontos corridos foi mantido. Agora não há mais a possibilidade de empate e o vencedor soma três pontos na tabela. Após todos os confrontos, entram os mata-matas, formato que segue até a final do torneio. As equipes que forem melhores na primeira fase e na eliminatória ganham vagas para representar o Brasil em torneios internacionais. O vencedor do primeiro disputa o MSI, enquanto o segundo o Campeonato Mundial, que, em 2017, a premiação beirou os U\$ 4 milhões.

PRA VOCÊ
QUE TEM CERTEZA!
TEZA!



FAPCOM

VESTIBULAR

Publicidade e Propaganda

Fotografia Multimídia

Relações Públicas

Audiovisual

Rádio, TV e Internet

Jornalismo Filosofia

vestibular.fapcom.edu.br

Rua Major Maragliano, 191 | São Paulo - SP - Vila Mariana
Próxima às estações Vila Mariana e Ana Rosa do Metrô.

0800 709 8707

INSCRIÇÕES
ABERTAS

Mais que um nome,
CONTEÚDO.